

CONVERSAS SOBRE O TEXTO EM PESQUISAS NOS LETRAMENTOS ACADÊMICOS: EMERGÊNCIAS DE ESCREVENTES EM DINÂMICAS DE CONFLITOS NA UNIVERSIDADE

TALK AROUND THE TEXT IN ACADEMIC LITERACIES RESEARCH: WRITERS' EMERGENCE THROUGH UNIVERSITY CONFLICT DYNAMICS

Larissa Giacometti Paris  <https://orcid.org/0000-0002-1472-0581>

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais

larissagparis@gmail.com

Flávia Danielle Sordi Silva Miranda  <https://orcid.org/0000-0002-5558-0896>

Programa Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Programa de Mestrado Profissional em Letras - Instituto de Letras e Linguística – Universidade Federal de Uberlândia

flaviasordi@gmail.com

DOI: <https://10.5281/zenodo.19011386>

Recebido em 31 de outubro de 2025

Aceito em 04 de novembro de 2025

Resumo: o objetivo deste artigo é (re)apresentar e analisar o instrumento de pesquisa em escrita acadêmica denominado *conversa sobre o texto* (Ivanič, 1998), além de demonstrar a sua relevância teórico-metodológica para estudos que assumem uma abordagem etnográfica orientada pelo texto (Lillis, 2009). O trabalho se fundamenta na perspectiva sociocultural dos letramentos (Street, 1984; Barton, 2007), especialmente na vertente dos Letramentos Acadêmicos, e compreende a *etnografia como forma de teorização profunda* (Lillis, 2008). A fim de discutir sobre aspectos importantes que o instrumento de pesquisa permite conhecer na escrita de escreventes, foram mobilizados dados de duas pesquisas que o adotaram junto a dois participantes inseridos em práticas de escrita acadêmica da pós-graduação e da graduação. Por meio das análises, foi possível concluir que a *conversa sobre o texto* pode fazer emergir percepções, crenças, posicionamentos e conflitos dos escreventes em relação às práticas de letramento vivenciadas por eles durante o processo de escrita.

Palavras-chave: Abordagem etnográfica. Conversas sobre o texto. Escrita. Letramentos Acadêmicos.

Abstract: this article reintroduces and analyzes the research instrument in academic writing known as *talk around the text* (Ivanič, 1998), highlighting its theoretical and methodological relevance for studies that adopt a text-oriented ethnographic approach (Lillis, 2009). Grounded in a sociocultural perspective on literacies (Street, 1984; Barton, 2007), particularly within the Academic Literacies framework, the study conceives *ethnography as a form of deep theorizing* (Lillis, 2008). To discuss key insights that this instrument enables regarding writers' academic writing processes, data were drawn from two studies that employed it with participants engaged in undergraduate and postgraduate writing practices. The findings suggest that *talk around the text* provides a valuable lens for understanding how writers perceive, negotiate, and position themselves within academic literacy practices, revealing underlying beliefs, tensions, and conflicts that emerge throughout the writing process.

Keywords: Ethnographic approach. Talk around the text. Writing. Academic Literacies.

1. Introdução

“Nós podemos, como pesquisadores da escrita acadêmica, justificar o modo tão distinto como tratamos os ‘textos’ falados e escritos?” (Lillis, 2009, p. 209, destaque da autora, nossa tradução)¹

A partir de investigações de pesquisadoras da escrita acadêmica, que consideram o tratamento de “textos falados e escritos” de estudantes, este artigo debate sobre a questão em epígrafe, objetivando (re)apresentar a abordagem etnográfica orientada pelo texto (Lillis, 2008; 2009). Nosso propósito é o de demonstrar a relevância teórico-metodológica da *conversa sobre o texto* (Ivanič, 1998), na perspectiva sociocultural dos letramentos (Street, 1984), especialmente dos Letramentos Acadêmicos (Lea; Street, 1998).

Nesse campo teórico-epistemológico, situamos este artigo em um cenário de estudos relativamente recentes no Brasil que, sobretudo com base em Lillis (2009), conduzem os estudos dos letramentos para a pesquisa sobre escrita em contextos acadêmicos e se valem do instrumento das *conversas sobre o texto* (e.g. Fiad, 2013; Pasquotte-Vieira, 2014; Miranda, 2016; Silva, 2021 e Paris, 2021). Esse movimento será melhor explorado na sequência deste trabalho, em que mobilizamos dados de duas pesquisas que adotaram o instrumento com participantes inseridos em práticas de escrita acadêmica da pós-graduação e da graduação.

Relacionamos dados relativos aos letramentos acadêmicos de uma doutoranda de curso de Ciências Exatas e da Terra e de um calouro de licenciatura em Letras. A finalidade de articular, em um mesmo artigo científico, dados com participantes de perfis distintos é argumentar a favor do princípio de que a *conversa sobre o texto* é um instrumento teórico-metodológico que faz emergir percepções, crenças e posicionamentos dos participantes em relação às suas escritas, ainda que exerçam papéis diversos na universidade. Dessa forma, o intuito é refletir sobre como esse instrumento pode “abrir possibilidades de transformação de identidades e de práticas sociais nos diversos contextos [...], mobilizando a complexa rede de sentidos socialmente situados” (Miranda *et al.*; 2022, p. 238).

Para tanto, o artigo organiza-se da seguinte maneira: inicialmente, apresentamos a base teórico-epistemológica assumida por nós, a saber, a dos Letramentos Acadêmicos, em uma perspectiva sociocultural que destaca, entre outros aspectos, a figura do escrevente. Em seguida, abordamos os princípios teórico-metodológicos subjacentes à *conversa sobre o texto*. Passamos, então, a descrever os contextos das duas pesquisas em foco e os perfis dos participantes. Logo após, discutimos, em duas seções de análise, os conflitos sobre a escrita que emergiram nas *conversas sobre o texto* a partir da perspectiva daqueles. Por último, tecemos considerações finais.

2. O escrevente no campo teórico-epistemológico dos Letramentos Acadêmicos

Nosso artigo tem sua base teórica assentada no campo dos Novos Estudos dos Letramentos (Street, 1984; 2003; Barton, 2007) - NEL ou NLS² - para, por um lado, partindo de sua faceta conhecida como Letramentos Acadêmicos (Lea; Street, 1998;

¹ No original: “Can we as academic writing researchers justify our treatment of spoken and written “texts” in such different ways?”

² No inglês, *New Literacy Studies*.

2014; Fiad, 2016; Oliveira, 2017), sublinhar a abordagem que coloca os escreventes em foco nas práticas de escrita acadêmica (Lillis, 2009; Ivanič, 1998) e, por outro lado, discutir sobre conflitos que emergem nessas práticas, uma vez que são sempre ideológicas (Street, 1984).

Oliveira (2017, p. 149) elucida que “no âmbito do NLS, surgiram pesquisas que focalizam o contexto acadêmico, dado que faz dessas pesquisas uma vertente teórica dos NLS, denominada de Letramentos Acadêmicos, e não uma vertente teórica independente dessa área”. Assim, relembramos que, na visão sociocultural dos letramentos, tanto os contextos, quanto as perspectivas daqueles que participam das práticas letradas são sumamente valorizados (cf. Street, 1984; Kleiman, 1995; Castanheira; Green; Dixon, 2007; Fiad, 2016, 2017), o que se fortalece em pesquisas etnográficas (cf. Street, 2014; Fischer, 2007; Pasquotte-Vieira, 2014; Oliveira, 2015; Fiad, 2013, 2016, 2017; Miranda, 2016; Paris, 2021; Laranjeira; Miranda; Paris, 2024).

Dessa forma, “essa concepção de letramento é sustentada a partir de estudos etnográficos realizados em vários contextos no mundo e é distinta do que Street denomina de modelo autônomo do letramento” (Fiad, 2017, p. 90). Entretanto, Fiad (2017) nos adverte como, no Brasil, investigações etnográficas com escritas acadêmicas estão emergindo há pouco tempo e são desafiadoras. Muitas delas, inclusive, foram desenvolvidas ou orientadas pela própria pesquisadora (cf. Laranjeira; Miranda; Paris, 2024) e colocam os contextos e os escreventes também como elementos centrais nas práticas de letramentos.

A esse respeito, em trabalho anterior (Laranjeira; Miranda; Paris, 2024), resgatamos alguns desses estudos e nos detivemos no debate sobre o que seria realizar etnografia nos Letramentos Acadêmicos, tratando do conceito de *etnografia como teorização profunda*. Na ocasião, explicamos que:

A expressão *etnografia como forma de teorização profunda* é conceitualmente explorada no trabalho de Lillis (2008, p. 355, tradução nossa), que desenvolve essa perspectiva, dialogando com Blommaert (2007), o qual já havia defendido a etnografia teoricamente. [...] estudos brasileiros, em LA, nossos e de outros(as) pesquisadores(as) (cf. Fiad, 2013; Miranda, 2016; Pasquotte-Vieira, 2015; Paris, 2021), têm se baseado nessa visão etnográfica, no âmbito da esfera acadêmica.

Esses trabalhos retomam o artigo “Ethnography as Method, Methodology, and ‘Deep Theorizing’: Closing the Gap Between Text and Context in Academic Writing Research”, de Theresa Lillis, publicado em 2008. No texto, a pesquisadora volta-se, especificamente, para investigações que envolvem a escrita acadêmica e distingue a *etnografia como forma de teorização profunda* como um terceiro nível, face a outros dois níveis também existentes, a saber, *etnografia como método* e *etnografia como metodologia* (Lillis, 2008). Para resumir, no primeiro caso, o(a) pesquisador(a) decidiria por um método de conversar com quem escreveu os textos acadêmicos para compreender elementos do contexto e, no segundo, o(a) pesquisador(a) recorreria a diferentes fontes de geração de dados, a fim de abordar as escritas acadêmicas de maneira situada. Já, no terceiro, o(a) pesquisador(a) buscaria por uma retroalimentação entre o texto e o contexto nas pesquisas com escrita acadêmica, ou seja, entre os contextos macro e micro dos letramentos acadêmicos (Laranjeira; Miranda; Paris, 2024, p. 10136, grifos no original).

Nesta visão de *etnografia como teoria* (Lillis, 2008), pesquisar a escrita acadêmica é, além de contextualizá-la, olhar para os escreventes e seus conflitos, refletir com eles, lutar para transformações (Miranda; Fiad, no prelo). Retomamos Street (2010), quando reflete sobre seus trabalhos com a educação, ao afirmar que “usar a

escrita é um componente para ajudar uma luta política mais ampla. No final das contas, é isso que todos fazemos o tempo todo. Mas como sabemos e como fazemos? *Sugiro o uso de perspectivas etnográficas que se baseiam em teorias de letramento*” (Street, 2010, p. 52, grifos nossos). Tanto é que, com colegas do campo (Lea; Street, 1998, 2014; Lillis *et al.*, 2015), ele se volta a uma reflexão específica sobre escrita acadêmica, ilustrando a relevância da etnografia para pesquisas no contexto.

Também Lillis (2009) salienta os diálogos entre os Novos Estudos dos Letramentos (NEL) e a etnografia para abordarmos a escrita acadêmica, haja vista a potência da perspectiva etnográfica, fundamental para aquele enquadre. A pesquisadora dá ênfase aos trabalhos de Ivanič (1998), a fim de oportunizar um olhar para as visões dos escreventes: “Ivanič baseia-se na visão de Street, chamada por ele de modelo ideológico de letramento. [...] Esse enquadramento ‘acadêmico’ etnográfico do letramento conecta-se fortemente com os valores pedagógicos de Ivanič” (Lillis, 2009, p. 207, nossa tradução³).

Nesse prisma, Lillis (2009, p. 201, nossa tradução⁴) argumenta em favor das *conversas sobre o texto* como instrumento que favorece “manter os escritores no centro das atenções, mesmo enquanto se faz análises linguísticas”. Assim, reconhecidos os fundamentos teóricos da pesquisa que aborda as “vozes” dos escreventes (Lillis, 2009; Ivanič, 1998), na próxima seção, apresentamos a orientação teórico-metodológica de nossas pesquisas que, igualmente, baseiam-se nessa perspectiva.

3. A construção das pesquisas a partir da orientação teórico-metodológica das *conversas sobre o texto*

Pesquisas que buscam compreender a perspectiva do escritor, mormente as de orientação etnográfica (cf. Lillis, 2008), como abordado na seção anterior, tendem a usar a *conversa sobre o texto* para intentar compreender o que pode ser significativo para o participante em determinado contexto (Lillis, 2008; 2009). Nesses casos, estabelecem uma conversa aberta e colaborativa, entre pesquisadores e participantes, na medida em que aqueles reconhecem a necessidade de ir além do texto, considerando também o contexto. Dessa maneira, “esse enquadramento etnográfico-linguístico é capaz de ampliar a visão sobre o material a ser analisado mantendo, ao mesmo tempo, os olhos sobre o linguístico e sobre outros elementos que envolvem as práticas socioculturais em torno dos textos” (Pasquotte-Vieira, 2014, p. 98-99).

Assim, essa *conversa sobre o texto* (no original, “*talk around the text*”⁵) fundamenta-se na orientação metodológica desenvolvida por Ivanič (1998) em suas investigações e visa construir um espaço exploratório em torno dos textos escritos, no qual a perspectivaêmica - que analisa crenças e valores socioculturais do participante - seja considerada. De acordo com Lillis (2009), o modo como Ivanič (1998) trouxe a voz do escritor-participante para o centro da análise empírica representa uma contribuição fundamental para as pesquisas sobre os letramentos acadêmicos.

³ No original: “Ivanič draws on Street’s view of what he calls an ideological model of literacy. [...] This ‘academic’ ethnographic framing of literacy connects strongly with Ivanič’s pedagogic values”.

⁴ No original: “by keeping writers centre stage even whilst using text-linguistics”.

⁵ Há variações na tradução para a língua portuguesa da expressão “*talk around the text*”, tais como “conversa sobre o texto” (Fiad, 2013), “conversa em torno do texto” (Pasquotte-Vieira, 2014; Silva, 2021) e “conversa ao redor do texto” (Paris, 2021), mas que fazem referência ao mesmo conceito de Lillis (2008). Para este artigo, optamos por usar a expressão “conversa sobre o texto”.

Lillis (2009) nos recorda como, tradicionalmente, os estudos linguísticos que assumem uma perspectiva teórica formalista ou apenas textual ignoram a visão dos escritores ou, ainda, consideram-na como elemento secundário e acessório da análise, subordinada ao principal objeto de estudo, isto é, o texto. Ao contrário, a pesquisa de Ivanič (1998) lança luz sobre a valorização dos participantes como parceiros que auxiliam na exploração do fenômeno, transformando a relação convencional entre pesquisador e “informante”. Essa mudança teórico-metodológica implica reconhecer os participantes não apenas como fontes de dados, mas sim como colaboradores do processo investigativo, cuja experiência, valores, crenças e reflexões contribuem para e determinam a construção e interpretação dos resultados.

Conforme Ivanič (1998), a pesquisa precisa ser empiricamente fundamentada (isto é, ancorada em dados concretos que emergem das práticas experienciadas pelos participantes) e teoricamente infundida pela vida deles. Nesse sentido, a partir dessa postura epistemológica, o modo como a conversa é conduzida deve encorajar comentários que vão além das convenções e práticas dominantes, tais como questões relativas à norma-padrão da Língua Portuguesa, às normas de escrita acadêmica - como aquelas prescritas pela ABNT no contexto brasileiro -, ao olhar para o gênero discursivo apenas considerando a sua construção composicional etc.

Lillis (2009), baseando-se no trabalho de Ivanič (1998), define o instrumento como uma conversa entre o pesquisador e o participante sobre um texto que ele está escrevendo ou já escreveu. Ivanič (1998) defende que o pesquisador deve priorizar discussões focadas no texto em conjunto com a compreensão do contexto, diferentemente de entrevistas mais abrangentes sobre as práticas de letramentos, normalmente empregadas em muitas pesquisas que adotam a perspectiva teórico-metodológica dos NEL. Na orientação da conversa, há uma “preocupação de realizar uma abordagem da escrita considerando os fatores de ordem enunciativa em uma perspectiva que inclui o texto e as interações em torno do texto” (Fiad, 2013, p. 468).

Lillis (2008) ainda ressalta que, visando uma compreensão mais aprofundada e sensível acerca da perspectiva do participante, devem ser realizadas conversas contínuas com ele durante um período de tempo, centradas no processo de escrita de seu texto. Essa proposta metodológica não prevê uma única interação pontual entre pesquisador e participante, restrita à análise do texto escrito. Ao contrário, a *conversa sobre o texto*, quando realizada de forma cíclica, recorrente e reflexiva, pode promover um entendimento em relação ao que é significativo para o participante em um contexto específico, a partir de sua trajetória sócio-histórica.

Conforme enfatiza a autora, na maioria dos casos em que a pesquisa se limita a uma única *conversa sobre o texto* e/ou a somente uma entrevista, corre-se o risco de se obter percepções mínimas da perspectiva do participante (Lillis, 2008), com base em uma compreensão superficial. Ainda assim, é importante destacar que, em determinados contextos investigativos - como no caso de uma professora/um professor que realiza uma *conversa sobre o texto* com seus alunos/alunas no âmbito de uma disciplina -, a opção por uma única interação pode se justificar em razão dos objetivos específicos da pesquisa ou das condições de realização do estudo. Consideramos que a orientação teórico-metodológica de Lillis (2008) em relação à *conversa sobre o texto* pode ser assumida em casos como esses, especialmente quando a/o docente já acompanha a turma, conhece os alunos e compreende o contexto em que os estudantes produzem seus textos.

Para Ivanič (1998), o diálogo direciona o olhar do pesquisador para o texto escrito por meio da visão do participante. O foco da conversa, segundo Lillis (2009), pode variar de acordo com o que o participante julga ser relevante falar ou de acordo

com algo que o pesquisador pensou ser interessante discutir sobre o texto, como, por exemplo, questões sobre vocabulário, aquilo que popularmente entendemos como “gramática”, convenções da escrita acadêmica, gênero do discurso, condições de produção do texto etc. Mesmo no segundo caso, a perspectiva do escritor deve ser levada em consideração, ainda que o interesse inicial em determinado elemento tenha surgido do pesquisador.

Nesse sentido, é imprescindível destacar que as *conversas sobre o texto* devem tomar como ponto de partida um texto “real” (Lillis, 2009), escrito pelo participante como parte de suas atividades acadêmicas e não produzido artificialmente para os propósitos da pesquisa. Tal apontamento nos faz enxergar esse instrumento como produtivo para responder a uma agenda de pesquisa provocada por Kleiman, Vianna e De Grande (2019) para a Linguística Aplicada, quando propõem elementos, tais como “apreço por paradigmas de pesquisa que permitam apreender as múltiplas facetas do objeto pesquisado no seu contexto natural e em toda sua complexidade” (Kleiman; Vianna; De Grande, 2019, p. 738, grifos nossos).

Contudo, Lillis (2008, 2009) adverte para o modo como certas pesquisas refletem sobre o conteúdo dessas conversas: considerando neutras as falas do participante, isto é, um mero reflexo da visão do indivíduo, ignorando as questões identitárias, as construções dos sentidos, a interferência e a interpretação do pesquisador, as condições de produção da conversa etc. Para a autora, seria incoerente, do ponto de vista epistemológico da orientação etnográfica, tomar os diálogos entre pesquisador e participante como falas neutras ou compreender o enunciado desse como uma “verdade” absoluta. Embora a visão do escritor sobre seu texto seja relevante, a pesquisadora nos faz um importante alerta sobre o fato de que não deve ser vista apenas em sua superfície aparente, já que as questões identitárias, de relações de poder, da imagem que se faz do pesquisador, da pesquisa e de si próprio também devem ser contempladas no momento da análise. Afinal, o conteúdo que é compartilhado entre participante e pesquisador depende muito da situação imediata, do *status* e das relações de poder entre os dois e de como isso é percebido pelo participante (Lillis, 2009).

Diante das premissas apontadas nessa seção, julgamos relevante observar como a *conversa sobre o texto* vem sendo apropriada por pesquisadoras brasileiras (Fiad, 2013; Pasquotte-Vieira, 2014; Miranda, 2016; Silva, 2021 e Paris, 2021) que compartilham da perspectiva sociocultural dos letramentos e que assumem a etnografia como teorização profunda (Lillis, 2008). Por isso, a seguir, apresentamos um breve panorama com algumas reflexões dessas autoras que embasam e justificam a adoção dessa metodologia no campo dos estudos socioculturais dos letramentos, evidenciando contribuições tanto para a produção de conhecimento científico quanto para o ensino da escrita.

Raquel Salek Fiad (2013) analisa um *corpus* composto por textos (re)escritos por discentes ingressantes de um curso de Letras de uma universidade pública brasileira no contexto de uma disciplina de prática de leitura e escrita. A docente-pesquisadora defende o uso das *conversas sobre o texto* em pesquisas que comparam as mudanças realizadas no texto pelo aluno-escritor entre a primeira versão e a sua posterior reescrita. Assim, ao invés de priorizar o olhar apenas para a versão definitiva, Fiad (2013, p. 467) passa a “considerar, juntamente, nas análises, os enunciados escritos e orais que fazem parte do processo da escrita”. A autora assume o princípio de que “ouvir os outros – no caso sujeitos que estão no processo de inserção no contexto acadêmico – faz parte do processo de entendimento desse letramento e também de práticas inovadoras no ensino de gêneros acadêmicos” (Fiad, 2013, p. 468).

Eliane Pasquotte-Vieira (2014) investiga quais são e como se constituem as práticas letradas que circunscrevem o exame de qualificação da dissertação de uma mestranda. Durante o processo de geração dos dados, a autora mobilizou conversas com a aluna de mestrado sobre o texto de sua dissertação antes e após o evento e chega à conclusão de que

através das informações obtidas pelos diálogos em torno do texto, é possível explorar o que está envolvido na escrita acadêmica a partir de situações reais de escrita e do ponto de vista dos sujeitos sobre o texto [...]. Nessa abordagem, o olhar do pesquisador se move claramente para além do texto, embora o texto continue compondo um objeto fundamental à análise (Pasquotte-Vieira, 2014, p. 100).

Flávia Danielle Sordi Silva Miranda (2016) examina práticas letradas de estudantes matriculados em um curso de Letras de uma universidade pública brasileira. No estudo, a pesquisadora, também orientada pelo trabalho de Lillis (2008), escutou as “vozes” dos licenciandos, inserindo-as em seu contexto institucional ao acompanhar e gravar as aulas e interações em ambientes virtuais de apoio a uma disciplina cujo conteúdo contemplava a produção de materiais didáticos por eles. As *conversas sobre os textos* - materiais didáticos - dos participantes, a partir dos textos produzidos por eles no âmbito do referido componente curricular, ocorreram ao longo das aulas, envolvendo a professora da universidade e o grupo e em momentos individuais com cada estudante. Tais interações compuseram o que a pesquisadora denominou como “grande contexto dialógico” (Miranda, 2016, p. 258), a partir do qual emergiram posicionamentos dos participantes sobre escolhas de conteúdo ou (im)possibilidades de usos de recursos tecnológicos para seus materiais, entre outros elementos.

Elizabeth Maria da Silva (2021) propõe uma abordagem didática do gênero artigo acadêmico no âmbito de uma disciplina de um outro curso de Letras de uma universidade pública brasileira. A pesquisadora realizou *conversas sobre os textos* produzidos individualmente pelos alunos como parte de uma das etapas do processo de produção textual. No que tange à utilização desse instrumento para o ensino da escrita, a autora sustenta a tese de que a

realização de momentos de conversas em torno do texto (Ivanič, 1998) [...] favorece um diálogo mais profícuo e reflexivo sobre os significados de escrever na universidade, contribuindo significativamente para o engajamento dos estudantes com práticas letradas acadêmicas, bem como para a instauração/consolidação de práticas pedagógicas diferenciadas, marcadas, inclusive, por uma postura mais sensível para com a realidade dos alunos (Silva, 2021, p. 121).

Larissa Giacometti Paris (2021) procede à análise de práticas de letramentos acadêmicos de doutorandos de uma universidade pública brasileira. A pesquisadora realizou conversas cíclicas em torno de um capítulo da tese dos participantes que estavam em processo de escrita. Com base nos dados gerados, a autora depreende que somente a partir das *conversas sobre o texto* foi possível “compreender de que modo se constituía grande parte das interações entre orientador e doutorando” (Paris, 2021, p. 87). Por isso, defende que, nas pesquisas sobre ensino de escrita acadêmica, a produção textual dos alunos e as interações ao redor dela sejam colocadas “no mesmo patamar, no sentido de indicar possíveis caminhos aos discentes, docentes e às instituições de Ensino Superior em relação às práticas de letramentos acadêmicos” (Paris, 2021, p. 19).

Em diálogo com esses estudos apresentados, a seguir, descrevemos os dados de pesquisas com *conversas sobre o texto* de dois participantes, Sofia e Maurício, que ocupavam distintos papéis na academia, para situarmos o cenário em que se desenvolveram as análises apresentadas neste trabalho.

4. Os contextos e os perfis dos participantes

Os dados⁶ aqui analisados constituem um recorte de duas pesquisas, de base qualitativa e interpretativa, realizadas em universidades públicas brasileiras, mas em contextos diversos e com grupos de participantes também distintos⁷. Questões relacionadas aos conflitos vivenciados pelos escreventes em seus processos de escrita emergiram nas *conversas sobre o texto*, o que nos levou a reconhecer a necessidade de examinar com maior profundidade esse instrumento teórico-metodológico de pesquisa nesta publicação. Passemos, então, à descrição de cada uma das referidas pesquisas.

A investigação da primeira pesquisa teve como objetivo geral caracterizar e analisar os eventos e as práticas de letramentos acadêmicos relacionados à escrita da tese de quatro doutorandos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pertencentes a diferentes áreas do conhecimento. Durante o segundo semestre de 2018, foram realizadas conversas cíclicas sobre o texto com cada um desses participantes com a primeira autora deste artigo, que será chamada, neste texto, de Pesquisadora 1. Considerando os propósitos específicos deste artigo, a análise centra-se nas conversas conduzidas por ela com a doutoranda Sofia⁸, durante o processo de escrita da tese da pós-graduanda.

Sofia, à época com 27 anos, era doutoranda na área de conhecimento Ciências Exatas e da Terra (doravante Exatas) e encontrava-se, no momento da geração de dados da pesquisa, no quarto ano do curso. O Programa de Pós-Graduação ao qual estava vinculada foi avaliado com conceito 6 na avaliação da CAPES, sendo considerado de excelência nacional. A primeira versão parcial da tese foi redigida em 2016. A segunda versão foi enviada à pesquisadora 1 em outubro de 2018. Por fim, em fevereiro de 2019, Sofia compartilhou a terceira versão.

Já os dados do participante Maurício⁹ foram gerados pela segunda autora deste artigo, que será referida como Pesquisadora 2, em dois momentos distintos de 2017, a saber, (i) quando o participante cursava uma disciplina para ingressantes¹⁰ em Letras - “Teoria e Prática do Texto” - em seu primeiro período de graduação em uma universidade pública do estado de Minas Gerais e (ii) uma conversa sobre esse texto no semestre seguinte do mesmo ano.

⁶ Os trechos referentes aos textos foram reproduzidos como escritos pelos participantes e as conversas sobre o texto foram livremente transcritas pelas pesquisadoras.

⁷ Ambas as pesquisas foram aprovadas por Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) de suas respectivas instituições. A primeira foi realizada com apoio financeiro concedido pelo CNPq (Processo número 141101/2017-2), tendo sido aprovada sob o número de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 84164218.5.0000.8142. A segunda pesquisa está registrada e aprovada com o número CAAE 74311417.0.0000.5142. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e também o Termo de Uso de Voz e Imagem, autorizando a utilização e publicação dos dados.

⁸ Nome fictício escolhido pela participante.

⁹ Nome fictício atribuído pela Pesquisadora 2.

¹⁰ Todos os alunos matriculados na disciplina foram convidados a participar da pesquisa, no entanto, para fins de estudo, contemplaram o *corpus* os registros daqueles que quiseram/puderam participar das conversas sobre seus trabalhos para a disciplina.

Na disciplina em questão, de um curso público noturno de Letras, os estudantes foram solicitados¹¹ pela Pesquisadora 2, que também era a professora da turma, a produzirem textos no gênero autobiografia, como trabalhos finais, de forma a integrar suas histórias pessoais a suas trajetórias acadêmicas, trazendo reflexões a partir de conceitos estudados ao longo do semestre, e sob diferentes perspectivas teóricas, a saber, *texto*, *alfabetização*, *letramento*, *multiletramentos*, *práticas de letramentos*, *eventos de letramentos* e *gêneros textuais/discursivos*. Essas escritas geraram dados de forma naturalística, ou seja, em uma atividade comum da universidade. Entretanto, como revelavam muitos aspectos sobre identidades variadas nas práticas de letramentos acadêmicos, incluindo-se a do professor em formação e a do escrevente acadêmico, constituíram, portanto, o primeiro conjunto de dados da pesquisa.

Após a finalização da disciplina, os estudantes foram convidados, no semestre seguinte, a conversar sobre seus textos com a Pesquisadora 2, em horários agendados em encontros que ocorreram na universidade, individualmente e de forma presencial. As conversas foram gravadas em áudio e o tempo e o conteúdo de cada uma não foi previamente estipulado. Os participantes tinham as produções escritas à disposição para consultas no momento das gravações.

Para análise deste contexto, neste artigo, selecionamos dados do participante Maurício, um calouro, que tinha 23 anos no primeiro momento da geração de dados e 24 no segundo. Em sua trajetória anterior à universidade, tinha cursado ensino médio-técnico na área de Agricultura, obtido formação em Teatro e trabalhado tanto na área de Comunicação, como na de Artes.

Para melhor compreendermos como a *conversa sobre o texto* se materializa na prática investigativa, as próximas duas seções apresentam análises e discussões dos dados referentes a cada um dos participantes. Dessa maneira, buscamos interpretar os significados atribuídos por eles em relação às suas práticas de escrita acadêmica ao mesmo tempo em que intentamos interpretá-las em seus contextos, à luz de nossos olhares de linguistas aplicadas e pesquisadoras dos Letramentos Acadêmicos.

5. Conflito emergente a partir do posicionamento de vozes nas pessoas do discurso: *conversa sobre o texto* com Sofia

O emprego das pessoas do discurso em enunciados do campo acadêmico-científico (especialmente primeira e terceira pessoa) pode variar conforme a concepção de pesquisa, de escrita e de autoria do sujeito que enuncia e é uma das marcas que caracteriza a heterogeneidade da escrita (Fuza, 2017). As escolhas de Sofia em relação ao uso das pessoas do discurso foram um assunto recorrente em *conversas sobre o texto* dela, pois a doutoranda revelou que refletia sobre qual pessoa utilizar em sua tese e quais seriam os efeitos desses diferentes posicionamentos de vozes. Apresentamos, a seguir, um quadro com trechos da tese da participante.

Quadro 01 – Trechos da tese de Sofia

Como também foi citado em xxx, nesse trabalho <u>desconsideraremos</u> as xxx e <u>vamos</u> trabalhar com a xxx [...]
<u>Iremos</u> , portanto, apresentar essa definição [...]
Adicionalmente, também <u>utilizaremos</u> os seguintes conceitos [...]
<u>Utilizaremos</u> aqui a [...]
<u>Definimos</u> então as arestas do xxx [...]

¹¹ Houve a apresentação da proposta em uma das aulas da disciplina por meio de explicações orais e slides.

<u>Estabelecemos</u> então: [...]
Para isso, <u>definimos</u> as variáveis de decisão como sendo [...]
Nesse trabalho, não <u>sabemos</u> [...]
Porém, se <u>utilizarmos</u> informações [...]

Fonte: elaboração própria (grifos nossos).

Em sua tese, Sofia optou pelo uso da primeira pessoa do plural. A doutoranda comentou sobre essa escolha em uma das *conversas sobre o texto*, no momento em que a Pesquisadora 1 a indagou sobre as razões que motivaram tal emprego das vozes. É importante destacar que, no referido excerto, a participante faz menção a um artigo científico, o qual integraria a tese como um de seus capítulos.

Excerto 1

Sofia: Eles [pesquisadores que publicam em inglês] colocam muito “we, we, we”, e tipo... não tem “we” para mim, sabe?

Pesquisadora 1: É o “I”, o “eu” né?

Sofia: É. E aí o “eu” eu já achei pessoal demais.

Pesquisadora 1: Pessoal demais no sentido, assim... não tem a ver com o discurso científico, você acha?

Sofia: É. Uhum. [...] Soa estranho e é meio que tipo... eu fiz a pesquisa sozinha, mas assim, sempre quando você faz alguma coisa, você tem que ter o feedback de outras pessoas, principalmente no doutorado, do seu orientador, né. [...] Então, assim, no final das contas, o artigo não seria uma coisa só minha.

Pesquisadora 1: Mas, ao mesmo tempo, só você que está fazendo o artigo?

Sofia: Só eu que fiz... é... entendeu? Então fica meio estranho.

Pesquisadora 1: Uma coisa meio contraditória?

Sofia: Aham.

Pesquisadora 1: Ao mesmo tempo não é só você, mas é só você?

Sofia: É, aham. Eu fiquei meio, tipo... o “nós” não parecia sincero, mas o “eu” também não.

Pesquisadora 1: O “eu” porque você estaria desconsiderando todos os outros e o “nós” porque na verdade não tem mais alguém diretamente envolvido além de você?

Sofia: É, porque quando eu falo da metodologia e de como eu fiz o algoritmo, fui eu, entendeu?

De acordo com Street (2009), o escritor busca estabelecer quem ele é enquanto sujeito situado quando apresenta a sua tese. Contudo, o modo como Sofia associa essa questão identitária com o uso das pessoas do discurso e a autoria parece ser conflituoso para ela. Ao mesmo tempo em que a doutoranda cogita usar a primeira pessoa do plural, afinal, em sua concepção de autoria, tanto a tese quanto o artigo não foram idealizados apenas por ela, Sofia também julga que fez tudo sozinha, o que, a princípio, justificaria o uso da primeira pessoa do singular. Porém, a concepção de pesquisa científica da participante não admite o uso da primeira pessoa do singular por ser “pessoal demais”. Ou seja, nem a primeira pessoa do plural nem a do singular parecem apropriadas na visão de Sofia, daí o seu conflito com essa questão.

Esse conflito apontado pela doutoranda revela que a escolha da pessoa do discurso pelo autor reflete a sua situacionalidade, bem como seu posicionamento identitário e institucional (Sobral; Soligo; Prado, 2017). Considerando que o conceito de colaboração científica abarca “aqueles que participam intensamente da elaboração da pesquisa e assumem a responsabilidade do seu conteúdo” (Hilário; Grácio; Guimarães, 2018, p. 17-18), Sofia julga que o orientador e o coorientador não tiveram essa participação intensa e colaborativa em sua pesquisa. No entanto, na materialidade linguística do texto escrito, a doutoranda prefere usar a primeira pessoa do plural a ter que resistir e negociar sobre os critérios de atribuição de autoria com sujeitos que ocupam posições hierárquicas superiores à dela.

De acordo com Starke-Meyerring (2011), o quanto e o tipo de subjetividade (se singular ou plural, por exemplo) que os escritores podem ou devem projetar em seus

textos também é algo que difere em cada comunidade científica. Nas Exatas, de acordo com a participante, não é comum o emprego da primeira pessoa no singular. Na mesma linha argumentativa, Fuza (2017, p. 566) defende que os usos de determinadas pessoas do discurso não são uma escolha aleatória, ao contrário, “são respostas aos discursos acadêmicos, às esferas científicas que postulam essa normatização”. A esse respeito, em um momento da conversa, Sofia afirma que usa o plural “mesmo quando é só eu que fiz”. Trata-se, portanto, de uma convenção socialmente construída na área de pesquisa da doutoranda e que ela reverbera em sua construção identitária (Ivanič, 1998) como pesquisadora das Exatas.

Para além das relações de poder entre os sujeitos envolvidos e das convenções sociais do campo, o emprego das pessoas do discurso também pode se relacionar a questões de (falta de) autoridade na área. No próximo excerto, realizado em outra *conversa sobre o texto*, Sofia comenta sobre o uso da primeira pessoa do singular que, além de ser pessoal demais em sua opinião (a participante chegou a afirmar que “é estranho, é bem estranho”), requereria que o pesquisador fosse uma pessoa de autoridade (Hyland, 2002) no campo acadêmico-científico. Para tal, a participante deu como exemplo um artigo escrito por Alan Turing¹².

Excerto 2

Sofia: *Sabe o Alan Turing? [...] Uma vez eu abri o artigo dele, um dos, né... Basicamente um artigo onde ele defende um monte de coisas, ele defende a máquina de Turing, que é um negócio teórico e tudo mais. E é um artigo longo que praticamente não tem conta... E é muito denso o artigo, eu não sei se eu consegui chegar a terminar, porque... meu Deus!*

Pesquisadora 1: *Bem teórico?*

Sofia: *Bem teórico. Ele basicamente, tipo... o início da teoria de computação está naquele artigo, entendeu? Então é um artigo longo, é um artigo bem teórico... E aí eu acho que ele usa o “I”, tipo, “I’m going to define”, sabe? “Eu vou definir”.*

Pesquisadora 1: *E você achou estranho quando leu?*

Sofia: *Não, porque é o Alan Turing, entendeu? Ele pode.*

Pesquisadora 1: *“Eu, uma mera doutoranda”, né?*

Sofia: *Exato.*

Pesquisadora 1: *Tem isso, então, por exemplo, quanto mais autoridade a pessoa tem na área, o Alan Turing, meio que se dá uma concessão para ele usar a primeira pessoa do singular?*

Sofia: *É, na minha cabeça, eu acho que sim.*

Pesquisadora 1: *O seu orientador, por exemplo, que é uma pessoa top da área, ele poderia?*

Sofia: *Acho que sim... é.*

Pesquisadora 1: *Mas você não, porque ainda está no doutorado? Tipo isso?*

Sofia: *É, tipo isso. A sensação... o feeling que eu tenho é esse.*

Para Sofia, há a noção de que quanto mais experiente e renomado um pesquisador é, maior autonomia e credibilidade ele possui para marcar a sua subjetividade no texto por meio do uso da primeira pessoa do singular (Hyland, 2002). De acordo com a concepção da participante, o uso do “eu” em textos acadêmico-científicos de sua área é um privilégio que pesquisadores em formação, como os mestrands e os doutorandos, não possuem. Essa crença de Sofia é explicada por Hyland (2002), pois, segundo o pesquisador, o emprego da primeira pessoa do singular identifica fortemente o escritor como fonte da declaração realizada e indica assertividade no que está sendo dito, o que pressupõe ter credibilidade na área.

¹² Alan Turing (1912-1954) foi um importante matemático e cientista da computação inglês, responsável por desenvolver a Máquina de Turing. Em 2014, sua história foi contada no filme “O jogo da imitação” (*The Imitation Game*, Black Bear Pictures, 2014). Fonte:

<https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2023/06/quem-foi-alan-turing-pioneiro-no-desenvolvimento-da-inteligencia-artificial-e-da-computacao-moderna> Acesso em 31 out. 2025.

De acordo com Amorim (2004, p. 100), o uso do “nós” pode provocar um efeito de generalização, alargamento e indefinição: “o nós [...] do autor atenua a afirmação categórica de um eu, por prudência ou por modéstia, numa expressão mais ampla e difusa”. O “eu” no singular, então, pode ser compreendido como uma marca de arrogância do autor e seu abandono seria uma prova de comedimento (Reutner, 2015).

Dessa forma, a primeira pessoa do plural abranda a focalização sobre a pessoa estrita e sua singularidade (Amorim, 2004). Ademais, a subjetividade referente ao emprego da primeira pessoa do singular também ajuda a construir um efeito de responsabilidade pessoal sobre o que se está sendo dito no texto, responsabilidade essa que, segundo Hyland (2002), estudantes ainda não se sentem seguros a assumir. Isso explicaria também a preferência pelo uso do “nós” na escrita acadêmico-científica de graduandos e pós-graduandos que são os únicos autores de seus textos (Hyland, 2002).

Assim, na visão de Sofia, o uso do “eu” implica se responsabilizar pelo que está sendo defendido (Hyland, 2002), e isso somente é permitido para escritores que já comprovaram serem pesquisadores sérios e respeitados pela comunidade, tal como o seu orientador. Primeiramente, é preciso conquistar seu lugar na academia para depois começar a questionar as convenções existentes, ou seja, é preciso antes construir uma identidade sólida de pesquisador (Hyland, 2002) para poder revelar sua subjetividade no texto. Pela análise do excerto acima, podemos afirmar que a escolha do uso da primeira ou terceira pessoa em textos acadêmico-científicos não é neutra, uma vez que se relaciona com questões ideológicas acerca do que seja o “fazer científico” e como e por quem ele deve ser compartilhado. Neste sentido, Sofia evidencia que é preciso ter poder (“Ele pode”, ao se referir a Alan Turing) – isto é, ser alguém renomado na área – para questionar as tradições impostas pelo campo.

Desse modo, observamos que a escolha da pessoa do discurso envolve dimensões muito complexas para Sofia, as quais apontam para elementos identitários acerca do ser pesquisadora, para concepções de pesquisa científica e de autoria da área e também para crenças sobre a suposta autoridade para se dizer algo.

6. Conflito emergente a partir da visão de necessidade de adequação às expectativas da academia: *conversa sobre o texto* com Maurício

A escrita de estudantes de graduação no Ensino Superior talvez seja, atualmente, o tema mais recorrente nas pesquisas em Letramentos Acadêmicos. De estudos seminais, como Fischer (2007), Marinho (2010) e Fiad (2011), proliferam investigações. Em meio às várias possibilidades, pesquisas etnográficas que articulem cenários da graduação e da pós-graduação podem, ainda mais, potencializar “ângulos sobre a escrita que nos permitem entendê-las melhor em suas peculiaridades e singularidades” (Fiad, 2017, p. 96), ampliando olhares e levando a percepções de conflitos.

No caso da formação de escreventes em contextos de graduação, reflexões sobre práticas de escrita de gêneros acadêmicos são costumeiras, com recorrência a gêneros mais tradicionais, como resenhas (Oliveira, 2017) e artigos científicos (Silva, 2021). No âmbito da formação inicial do participante Maurício, entretanto, os conflitos que abordaremos emergem da escrita de um gênero não tão solicitado, que é a autobiografia, mas que, por isso mesmo, pôde abrir espaço a questões que não dizem respeito à estrutura composicional ou estilística dos gêneros em si.

Na sequência, trazemos um quadro com trechos do texto do participante:

Quadro 02 – Trechos da autobiografia de Maurício

[...] Nasci pré-maturo, minha primeira participação, por mais imparcial que fosse a um <u>evento de letramento</u> , foi no meu nascimento, dentro da <u>prática acadêmica</u> . Devido o quadro clínico, reuniram-se alunos e professores do curso de Medicina da Universidade X, a fim de estagiar sobre aquela situação [...]
[...] na escola onde cursei o ensino fundamental tinha o festival de poesia, o maior <u>evento de letramento dentro da prática escolar</u> , onde eu participava todos os anos e sempre ficava em alguma colocação de destaque. [...]
[...] Dentro dessa <u>prática de letramento</u> , curso de X, alguns <u>eventos</u> forma marcantes [...]
[...] comecei participar dessas reuniões, onde <u>líamos</u> muito a bíblia e outros livros do segmento cristão, <u>prática</u> essa que também agregou muito na minha <u>vida letrada</u> , posso dizer que foi aí que comecei pegar gosto pela <u>leitura</u> . [...]

Fonte: elaboração própria (grifos nossos).

Nos excertos, notamos que Maurício mobiliza termos que remetem aos conceitos teóricos estudados, mas sem a referência a eles. Em uma *conversa sobre o texto* com a Pesquisadora 2, ele passa a refletir sobre a decisão, quando recebe um *feedback* dela, na condição de professora da disciplina, que também teve de avaliar criticamente o texto na situação de ensino:

Excerto 3

Pesquisadora 2: “[...] O que, na verdade, eu também, eu senti um pouquinho de falta foi de trazer um pouco das teorias explicitamente, né? Você falou bastante da sua vida e fez esse entendimento todo e eu entendi que você estava relacionando com o que a gente estava vendo na sala de aula, mas não apareceu explicitamente relacionado com as teorias.

Maurício: Entendi.

Pesquisadora 2: Né?! Eu senti um pouquinho de falta para dar um tom mais acadêmico, até, né? Não sei se faz sentido isso para você...

Maurício: Faz.

Pesquisadora 2: Agora, falando isso agora...

Maurício: Sim! [...] Talvez citar, né? Fazer, puxar mais as relações.

Pesquisadora 2: Uhum.

Maurício: do que eu tô querendo dizer da história. É verdade!

Pesquisadora 2: Uhum. Explicitar mais essa articulação, porque eu vi que você fez, né? Mas eu sabia porque eu também sabia tudo o que a gente tinha visto na aula e tal.

Maurício: É verdade. Outra pessoa nem...

Pesquisadora 2: Não ia entender. Mas acho que, assim, você escreve bem. Foi um conteúdo muito legal que você trouxe da sua vida pessoal, [ele dá um sorriso] dos acontecimentos. Então eu achei que foi muito bacana o trabalho. Não sei se você quer comentar alguma coisa mais do trabalho em si?

Maurício: Então é... eu, quando eu fui pensar nessa ideia de puxar conteúdo, eu queria colocar bem assim, tipo, é “letramento” e fazer aquele, aquilo que tinha ficado marcado para mim sobre letramento. Ai eu falei “ai, gente”, eu fiquei meio assim, não sei, fiquei meio em dúvida se era essa a proposta.

Pesquisadora 2: Se cabia?

Maurício: Se cabia ou não... porque dentro da autobiografia. Eu falei “ai, gente, será que não vai ficar muito?”. Ai, eu resolvi fazer nesse esquema assim, mais pensando no lado de que era para você ler e você já sabia do conteúdo. Mas, agora, pensando que “ah, as pessoas vão ler, elas não iam entender nada que tá acontecendo, né?”. “Uma agência de letramento”, por exemplo, no parto. Que que é isso?

Pesquisadora 2: Uhum. Exatamente.

Maurício: E aí não fica nem uma coisa autobiográfica de você mesmo, por exemplo, “ah, vou fazer isso para as pessoas lerem” e também não fica uma coisa acadêmica, né?

Pesquisadora 2: uhum.

Maurício: É verdade. Ficou um meio termo muito mal equilibrado? Sei lá. [...]

Na interação, Maurício começa concordando com as pontuações da Pesquisadora 2, que era sua professora, em um movimento esperado, se considerarmos as relações de poder entre professor e aluno no contexto acadêmico. Porém, no decorrer

da conversa, há a abertura para que o participante realize um movimento de análise, tal como o instrumento de conversar sobre o texto propõe (Lillis, 2009). Segundo Lillis (2009), esse seria o diferencial dessa orientação para o texto, trazida por Ivanič (1998), em relação a uma entrevista, instaurando-se, sob olhar dessa última pesquisadora, espaço para que “participantes-escritores identifiquem aspectos do texto que são merecedores de análise” (Lillis, 2009, p. 212, tradução nossa¹³).

Nesse sentido, é Maurício quem, ao ser provocado pela professora, levanta elementos que, ao seu ver, poderiam ter sido contemplados em seu texto, analisando que deveria ter feito citações, trazido mais explicações para leitores variados ou direcionado sua escrita com mais intenção ao outro que não fosse exclusivamente a docente. Ele também parece se dar conta de ter optado por atender ao que imaginava ser bem avaliado, mas não antes de passar por um conflito quando fez escolhas para materializar o gênero em questão, reforçando a coerção das relações institucionais, reconhecidas pelos Letramentos Acadêmicos (Lea; Street, 2014).

Em um contraponto, a análise do participante projeta sua ação futura como escrevente na esfera acadêmica, na continuidade da conversa com a Pesquisadora 2:

Excerto 4

Maurício: *Se fosse para fazer outra autobiografia, iria ser muito mais fácil do que fazer essa, né? Eu acho que é essa a dificuldade, assim. E pelo que eu escuto da sala também, é exatamente isso, porque é um universo novo, né?! Por isso que é até interessante essa pesquisa, né?*

Pesquisadora 2: *Uhum.*

Maurício: *Porque ela vai, acho que vai agir diretamente na necessidade da pessoa. A gente chega muito é, em diferentes níveis, né? E como a gente precisa alinhar dentro de um conteúdo, a gente fica “nossa, eu tô perdido, eu sou o mais idiota da sala porque não é possível [risos].*

Pesquisadora 2: *Não! Eu não penso isso.*

Maurício: *Não, nem eu penso isso, mas pode gerar esse sentimento de... não sei que sentimento que é. O sentimento de “nossa, eu tô no curso de Letras, eu preciso escrever!”. A gente já quer escrever naquele momento todas as coisas bem feitas, escrever como sei lá quem, Machado, mas eu acho que é isso.*

A possibilidade de existir esse espaço de diálogo permitiu que Maurício pudesse refletir para além do texto sobre o qual conversava com a Pesquisadora 2, analisando a prática da escrita acadêmica, ao colocar questões como familiaridade (ou não) com os gêneros discursivos, pertencimento (ou não) à esfera acadêmica, implicações de visões e modelos do que seja a escrita acadêmica para os estudantes.

Por último, importa pontuar a percepção do próprio participante sobre a potencialidade do instrumento da *conversa sobre o texto* e das pesquisas sobre letramentos acadêmicos. Em paralelo à memória de Lillis (2009, p. 219, tradução nossa¹⁴) sobre seu sentimento positivo quando se encontrava com Ivanič (1998) para orientações nas quais a professora “fazia com que parecessem especiais para ela também”, o reconhecimento de Maurício sobre a pesquisa indica a importância dessas interações para que pesquisadores e participantes passem a identificar conflitos importantes nas práticas de escrita acadêmica, mesmo que esse movimento não garanta a resolução deles, ou seja, mesmo com a Pesquisadora 2 validando positivamente conteúdos de seu texto, o estudante quer se apropriar de uma suposta forma de escrita reconhecida e não sabe ainda como irá atingir esse objetivo.

¹³ No original: “writerparticipants to identify aspects of the text that are worthy of analysis”.

¹⁴ No original: “she made them seem as if they were special to her too”.

Considerações finais

Com base na abordagem etnográfica orientada pelo texto (Lillis, 2008; 2009) e na perspectiva sociocultural dos letramentos (Street, 1984), este artigo buscou examinar a pertinência da *conversa sobre o texto* como um instrumento teórico-metodológico que revela percepções, crenças e posicionamentos dos escreventes em relação às suas práticas de escrita. Nosso intuito é, agora, a partir de nossos resultados de pesquisa, novamente:

manifestar que o campo dos Letramentos Acadêmicos pode trazer contribuições, não para prescrever manuais de redação, mas, sim, para influenciar escreventes, no Ensino Superior, por meio da iluminação de aspectos contextuais e situados aos escopos teóricos que o campo reconhece (Miranda *et al.*, 2022, p. 237).

Essa “iluminação” pretendida, ainda que reconhecidamente não totalitária, oportuniza que algumas dimensões escondidas (Street, 2009) na escrita de variados gêneros acadêmicos, a exemplo da tese de doutorado ou da autobiografia para uma disciplina de licenciatura, emergjam das *conversas sobre os textos* com os escreventes. Nos excertos analisados, seja na pesquisa em âmbito da pós-graduação, seja na graduação, as *conversas sobre os textos* evidenciaram conflitos vivenciados pelos participantes. Sofia, por um lado, realizou questionamentos acerca do emprego das pessoas do discurso em sua tese, não se mostrando satisfeita nem com a primeira pessoa do singular nem com a do plural. Maurício, por outro lado, explicitou quão desafiante foi, para ele, articular conceitos teóricos com a sua trajetória pessoal em um gênero (autobiografia) que estava sendo produzido na esfera acadêmica.

Em ambos os casos, somente foi possível que nós, como pesquisadoras, dialogássemos com os participantes sobre esses conflitos específicos a partir da leitura e análise de seus textos. Ou seja, ao buscarmos diminuir o fosso entre texto e contexto (Lillis, 2008), fundamentadas em uma perspectiva êmica, conseguimos acessar e compreender alguns dos conflitos experienciados pelos escreventes.

No entanto, ressaltamos que conflitos sempre vão existir ao considerarmos a escrita acadêmica como uma prática social situada (Fischer, 2020), permeada por relações de poder e por indivíduos que ocupam diferentes posições hierárquicas e de escreventes na academia. Nesse sentido, conforme os papéis sociais que cada um exerce em determinada prática, além da situacionalidade dela, os conflitos são outros, vão se modificando e se transformando. Dessa forma, a *conversa sobre o texto* não possui a finalidade de acabar com tais conflitos, ao contrário, busca compreendê-los a partir da perspectiva do escrevente a fim de construir inteligibilidades (Moita Lopes, 2006) sobre as diversas nuances que abarcam as práticas de escrita.

Antes de encerrarmos, julgamos importante realizar um breve apontamento acerca do ensino da escrita, ainda que esse não constitua o foco deste trabalho. Essa observação se justifica porque a *conversa sobre o texto* pode ser empregada tanto com fins de pesquisa, como foi o caso deste artigo, como também com propósitos didáticos – afinal, a perspectiva do estudante e a sua realidade sociocultural devem ser ponto de partida para o ensino da escrita (Fiad, 2017).

Assim, com base no *Manifesto acadêmico: por nova(s) pedagogia(s) de escrita para o Ensino Superior* (Miranda *et al.*, 2022) – escrito por nós e outros pesquisadores do campo –, entendemos que a *conversa sobre o texto* possibilita “criar estratégias pedagógicas que ampliem o diálogo com diferentes vozes na produção escrita dos estudantes, levando em consideração questões como trajetória, identidade, agência e

fatores socioculturais [...] implicados nas práticas de letramento acadêmico” (Miranda *et al.*, 2022, p. 238). Por fim, consideramos que a discussão apresentada neste artigo pode fornecer subsídios teórico-metodológicos para que docentes de IES promovam tais estratégias pedagógicas.

Referências

AMORIM, M. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p. 07-19, 2002.

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004. 303 p.

BARTON, D. *Literacy: an introduction to ecology of writing language*. Blackwell Publishing, 2007.

CASTANHEIRA, M. L.; GREEN, J. L., DIXON, C. N. Práticas de letramento em sala de aula: uma análise de ações letradas como construção social. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 20, n. 2, p. 07-38, 2007.

FIAD, R. S. Reescrita, dialogismo e etnografia. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 13, n. 3, p. 463-480, 2013.

FIAD, R. S. (Org.). *Letramentos Acadêmicos: contextos, práticas e percepções*. São Carlos: Pedro & João, 2016.

FIAD, R. S. *Pesquisa e ensino de escrita: letramento acadêmico e etnografia*. *Revista do GEL, [S. l.]*, v. 14, n. 3, p. 86–99, 2017.

FISCHER, A. *A construção de letramentos na esfera acadêmica*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis, 2007.

FISCHER, A. Letramentos acadêmicos: (re)contextualizações e sentidos. In: RIBEIRO, A. E.; VECCHIO, P. de M. M. (Orgs.). *Tecnologias digitais e escola: reflexões no projeto aula aberta durante a pandemia*. São Paulo: Parábola, 2020, p. 94-104.

FUZA, A. F. Objetivismo/subjetivismo em artigos científicos das diferentes áreas: a heterogeneidade da escrita acadêmica. *Alfa*, São Paulo, v. 61, n. 3, p. 545-573, 2017.

HILÁRIO, C. M.; GRÁCIO, M. C. C.; GUIMARÃES, J. A. C. Aspectos éticos da coautoria em publicações científicas. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 12-36, 2018.

HYLAND, K. Authority and invisibility: authorial identity in academic writing. *Journal of Pragmatics*, v. 34, n. 8, p. 1091-1112, 2002.

IVANIČ, R. *Writing and identity: the discoursal construction of identity in academic writing*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1998.

KLEIMAN, A. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, A.; VIANNA, C. A. D.; DE GRANDE, P. B. A Linguística Aplicada na contemporaneidade: uma narrativa de continuidades na transformação. *Calidoscópio*, [S. l.], v. 17, n. 4, p. 724–742, 2019.

LARANJEIRA, R. M.; MIRANDA, F. D. S. S.; PARIS, L. G. Etnografia como teorização profunda em Linguística Aplicada: a relevância do diário de escrita acadêmica. *Fórum Linguístico*, v. 21, n. 1, p. 10132-10148, 2024.

LEA, M.; STREET, B. V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. *Studies in Higher Education*, v. 23, n. 2, p. 157-172, 1998.

LEA, M.; STREET, B. V. O modelo de “Letramentos Acadêmicos”: teoria e aplicações. Tradução de Adriana Fischer e Fabiana Cristina Komesu. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 16, n. 2, p. 477-493, 2014.

LILLIS, T. Ethnography as Method, Methodology, and “Deep Theorizing”: Closing the Gap Between Text and Context in Academic Writing Research. *Written Communication*, v. 25, n. 03, p. 352-388, 2008.

LILLIS, T. Bringing writers’ voices to writing research: talk around texts. In: CARTER, A.; LILLIS, T.; PARKIN, S. (Orgs.). *Why writing matters: issues of access and identity in writing research and pedagogy*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009, p. 169-187.

LILLIS, T. *et al.* (Orgs.). *Working With Academic Literacies: Case Studies Towards Transformative Practice*. Perspectives on writing. Fort Collins, Colorado: The WAC Clearinghouse/Parlor Press, 2016.

MARINHO, M. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 10, n. 2, p. 363-386, 2010.

MIRANDA, F. D. S. S. *Letramentos (en)formados por relações dialógicas na universidade: (res)significações e refrações com tecnologias digitais*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2016.

MIRANDA, F. D. S. S.; PARIS, L. G.; LARANJEIRA, R. M.; FIAD, R. F.; LILLIS, T.; KOMESU, F.; ASSIS, J. A.; FISCHER, A.; MENEGASSI, R. J.; FUZA, A. F.; ANDRADE, L. T.; SILVA OLIVEIRA, F. B.; CORRÊA, M. L. G. Manifesto acadêmico: por nova(s) pedagogia(s) de escrita para o Ensino Superior. In: LARANJEIRA, R. M.; MIRANDA, F. D. S. S.; PARIS, L. G. (Orgs.). *Letramentos Acadêmicos no Brasil: diálogos e mediações em homenagem a Raquel Salek Fiad*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 233-251.

MIRANDA, F. D. S. S., & FIAD, R. S. (2025). Entre autores: a noção de “transformação” dos letramentos acadêmicos em pesquisas no Brasil. *Raído*, 19(48), 131–151. <https://doi.org/10.30612/raido.v19i48.20308>

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 85-107.

OLIVEIRA, E. F. *Letramentos acadêmicos: o gerenciamento de vozes em resenhas e artigos científicos produzidos por alunos universitários*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2015.

OLIVEIRA, E. F. A vertente teórica dos letramentos acadêmicos no âmbito dos novos estudos dos letramentos. *Revista Educação & Linguagens*, v. 6, n. 11, p. 134-152, 2017.

PARIS, L. G. *Letramentos acadêmicos de doutorandos: entre mediações e publicações*. 2021. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2021.

PASQUOTTE-VIEIRA, E. A. *Letramentos Acadêmicos: (re)significações e (re)posicionamentos de sujeitos discursivos*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2014.

SILVA, E. M. Abordagem didática do artigo acadêmico em um curso de letras: diálogo entre a sociorretórica e os letramentos acadêmicos. *Travessias Interativas*, São Cristóvão-SE, v. 11, n. 24, p. 104-124, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/17020>. Acesso em: 28 out. 2025.

SOBRAL, A.; SOLIGO, R.; PRADO, G. V. T. A subjetividade autoral em textos acadêmicos: algumas considerações. *Nonada: Letras em Revista*, v. 01, n. 28, p. 174-193, 2017.

STARKE-MEYERRING, D. The paradox of writing in doctoral education. In: MCALPINE, L.; AMUNDSE, C. (Orgs.). *Doctoral Education: research-based strategies for doctoral students, supervisors and administrators*. Dordrecht: Springer, 2011, p. 75-95.

STREET, B. V. *Literacy in Theory and Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. 243 p.

STREET, B. V. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. *Current issues in comparative education*, New York, v. 5, n. 2, p. 77-91, 2003.

STREET, B. V. "Hidden" features of academic paper writing. *Working Papers in Educational Linguistics*, v. 24, n. 01, p. 1-17, 2009.

STREET, B. V. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (Orgs.). *Cultura Escrita e Letramento*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010, p. 33-53.

STREET, B. V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia, na educação*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.